

Sequência didática

A ser realizada nas aulas do 3º ano do ensino médio

Tema: Os primeiros contatos dos africanos com os europeus

Objetivos:

1. Trabalhar a idéia a resistência africana à colonização
2. Mostrar a presença da mulher africana e seu papel nas lutas contra os colonizadores, através da figura da rainha Nzinga.
3. Confrontar imagem do colonizador seguido pelos escravizados

Proposta

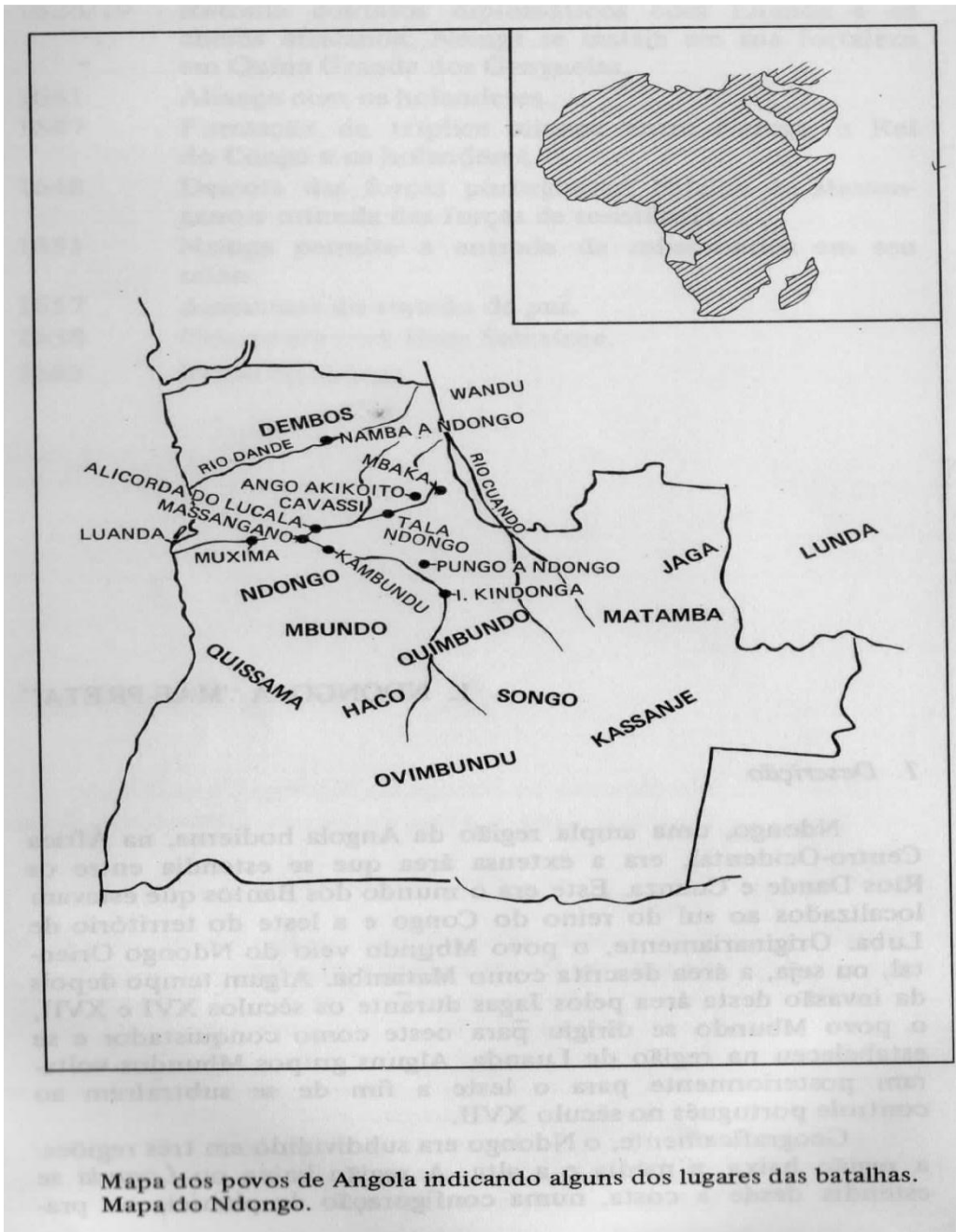
- Apresentar foto de Nzinga sem mostrar as legendas
 1. Perguntar se eles sabem de quem se trata?
 2. O professor pede aos alunos que observem as vestimentas?
 3. O que elas indicam?
 4. Após especulações mostrar legendas.
 5. O professor mostra o mapa e pede que os alunos descrevam o qual assunto ele contém.
- Mostrar figura estereotipada do colonizador
 1. Peça que os alunos descrevam o que vêem.
 2. Qual a mensagem ela nos passa num primeiro olhar?
 3. Ao confrontar esta imagem com o mapa e a idéia trabalhada, esta primeira idéia passada pela imagem do colonizador permanece ou muda de significado? Qual?
- Passar texto de Carlos serrano para leitura
 1. O professor deve realizar a leitura coletiva, sendo que cada aluno deve ter em mãos uma cópia dos materiais.
 2. Você percebeu a presença feminina em outras lutas por liberdade da colônia, qual?
 3. A que organização política o texto está se referindo?
 4. Podemos considerar Nzinga como um chefe tradicional?
 5. Qual a importância da existência de um poder central nos reinos africanos para o estabelecimento dos europeus em África?
 6. A guerra contra os portugueses não impediu que Nzinga se convertesse e estabelecesse acordos com os europeus, por quê?

Após a leitura do texto de Serrano, peça aos alunos que escrevam uma redação tendo como tema, o próprio da aula e argumentem sobre os aspectos que entenderam como importante, elenque os pontos em relação ao assunto, confrontando o olhar europeu ao do africano sobre a colonização. Para isto, o aluno deve utilizar todo material que esteve a sua disposição.

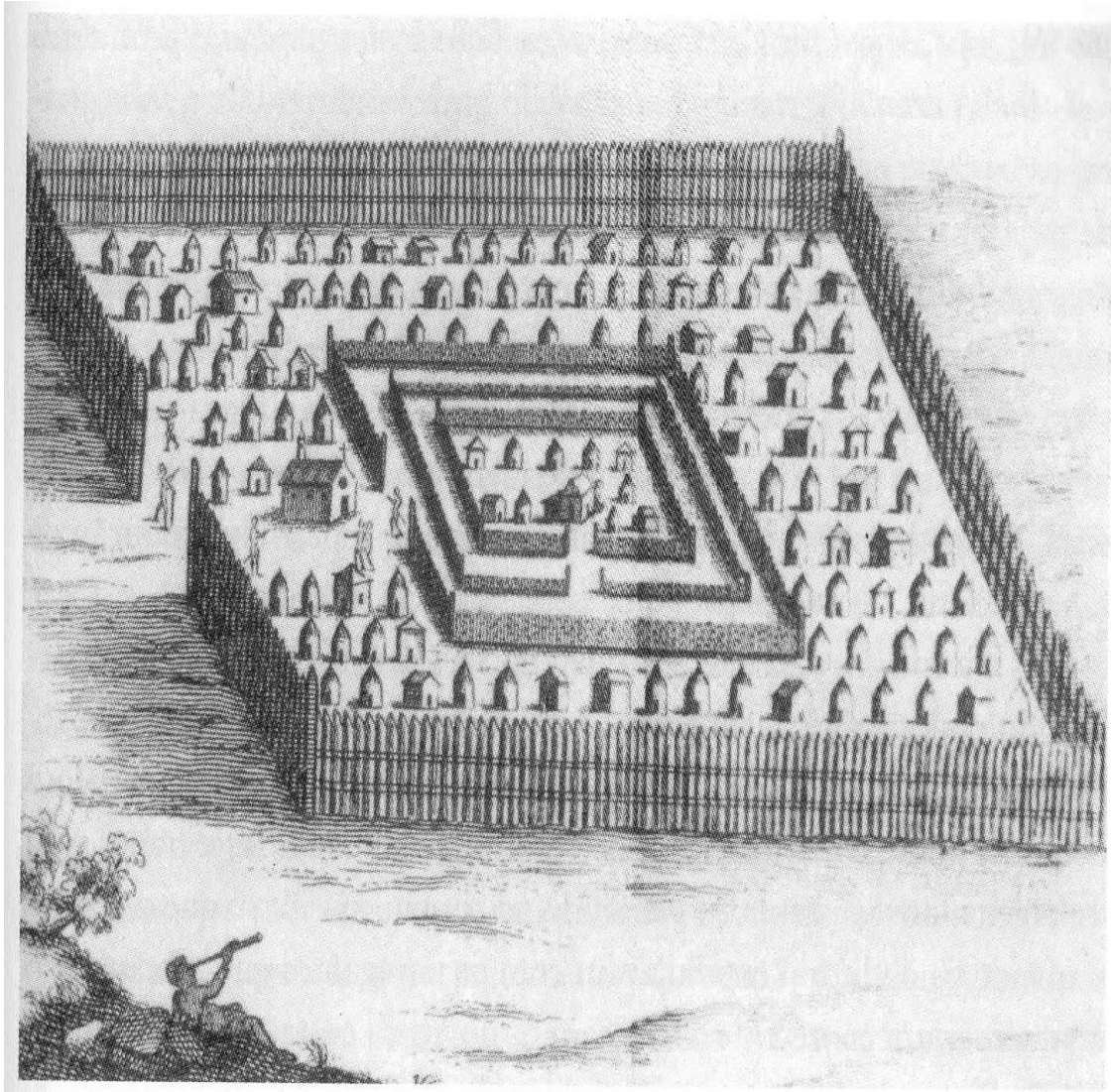
GINGA, A RAINHA QUILOMBOLA DE MATAMBA E ANGOLA (NZINGA)
Retirado do livro de GLASGOW, Roy. **Nzinga**. São Paulo: Editora perspectiva, 1982



1 *Revista USP: Dossiê Povo Negro 300 anos*, nº 28, dez./jan./fev. 95-96, pp. 136-141.



Retirado do livro de GLASGOW, Roy. **Nzinga**. São Paulo: Editora perspectiva, 1982.

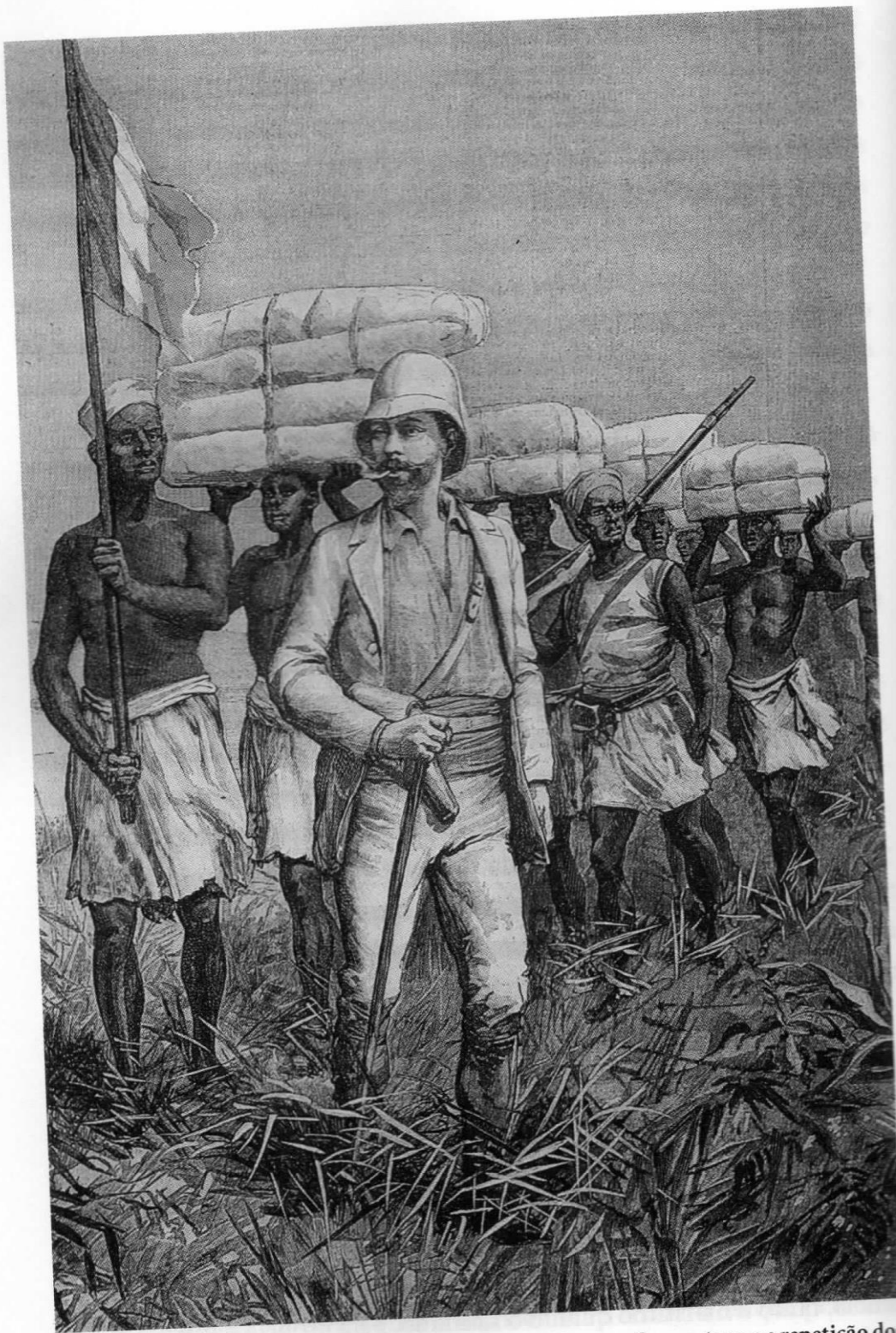


Exemplo de Quilombo

SUMÁRIO BIOGRÁFICO

- 1582 Nascimento de Nzinga no Ndongo Oriental.
- 1590 Presente, com o séquito do pai, na batalha de Massangano.
- 1617 Morte de seu pai; Nzinga perde a luta pelo trono Mbundo.
- 1622 Embaixatriz em Luanda; assinatura de um tratado de paz; aí, ela foi batizada na religião cristã.
- 1623 Deixa Luanda; torna-se Rainha do Ndongo com a morte de seu irmão, o Rei; casamento político com Jaga Kaza.
- 1624 Inicia contatos diplomáticos com o Bispo Simão Mascarenhas, em Luanda.
- 1625 Nzinga estabelece seu acampamento de guerra na Ilha Ndangi, no Rio Kwanza; intensa atividade diplomática com os portugueses.
- 1626 Batalha com as forças portuguesas na Ilha Mapolo; foge da Ilha Mapolo.
- 1628/29 Retoma contatos diplomáticos com Luanda e os chefes africanos; Nzinga se instala em sua fortaleza em Quina Grande dos Ganguelas.
- 1641 Aliança com os holandeses.
- 1647 Formação da tríplice aliança entre Nzinga, o Rei do Congo e os holandeses.
- 1648 Derrota das forças portuguesas; batalha de Massangano e retirada das forças de resistência.
- 1651 Nzinga permite a entrada de missionários em seu reino.
- 1657 Assinatura do tratado de paz.
- 1658 Casamento com Dom Salvatore.
- 1663 Morte de Nzinga.

Retirado do livro de GLASGOW, Roy. **Nzinga**. São Paulo: Editora perspectiva, 1982.



Nessa ilustração representando o explorador Louis Mizon no Congo, temos a repetição dos estereótipos clássicos do colonialismo pelos quais o europeu sempre surge à frente das “descobertas”, seguido por uma fileira de africanos obedientes.

GINGA, A RAINHA QUILOMBOLA DE MATAMBA E ANGOLA¹

Carlos Serrano

Nzinga Mbandi Ngola, rainha da Matamba e Angola nos séculos XVI-XVII (1587-1663), foi uma das mulheres e heroínas africanas cuja memória mais tem desafiado o processo diluidor da amnésia, dando ori-

gem a um imaginário cultural na diáspora tal como no folclore brasileiro com o nome de *Ginga*; despertou o interesse dos iluministas como a criação de um romance inspirado nos seus feitos (CASTILHON, 1769) e citação na *Histoire Universelle* (1765); é cultuada como a heroína angolana das primeiras resistências pelos modernos movimentos nacionalistas de Angola; e tem despertado um crescente interesse dos historiadores e antropólogos para a compreensão daquele momento histórico que caracterizou a destreza política e de armas desta rainha africana na resistência à ocupação dos portugueses do território angolano e conseqüente tráfico de escravos.

Contemporânea de Zumbi dos Palmares, este outro herói afro-brasileiro (? -1695), ambos parecem compartilhar de um tempo e de um espaço comum de resistência: o quilombo. *Ao refletirmos sobre a rainha Nzinga Mbandi Ngola pensamos contribuir para a compreensão da inser-*

ção dos espaços políticos africanos na economia mercantil europeia e das resistências criadas à sua dominação. Um grande número de reinos africanos da costa ocidental e central do continente possuía uma concepção de organização político-espacial semelhante. Suas economias, antes da presença europeia, estabeleciam-se em função de uma relação complementar com os espaços do *hinterland* através de comércio a longa distância. Desse modo, o poder centralizador desses reinos situava-se não no litoral, mas no interior, com o fim de melhor controlar as rotas comerciais. Normalmente o litoral constituía-se como espaço de produção de sal, peixe seco ou outros produtos necessários ao interior.

As transformações que emergem no seio dessas sociedades, em termos do poder político, surgem por interveniências de elementos exógenos, neste caso, os traficantes europeus, identificadas pelo deslocamento do poder político das linhagens detentoras tradicionais desse poder para linhagens “novas”. Estamos pensando no contato sucessivo que os chefes tradicionais do litoral entabulavam com os navegantes que procuravam estabelecer um comércio efetivo com os povos da costa ocidental africana. Podemos encontrar esta dualidade do poder espacial no reino do Dahomé (POLANYI, 1966), no Loango, (PHILIPPE REY, 1971), no Ngoyo (SERRANO, 1983), no Congo (PIRENNE, 1959).

Em todos estes reinos o tráfico de mercadorias e escravos era tributado e controlado por representantes do poder central. Os traficantes portugueses tentam estabelecer portos de tráfico no litoral angolano para a comercialização e captura direta de escravos no litoral. Em 1578, Paulo Dias de Novais funda a cidade fortificada de *São Paulo de Assumpção de Luanda*, que se tornará a futura capital de Angola em território *Mbundu*. Era rei dos *Mbundu* no território Ndongo (Angola) e Matamba, Ngola Kiluanji, pai de Nzinga Mbandi Ngola, que nasce em Cabassa, interior de Matamba, em 1581. Ngola Kiluanji resiste à ocupação portuguesa até sua morte. No entanto, uma parte do território é tomada, constituindo o primeiro espaço colonial na região. O rei Kiluanji refugia-se em Cabassa, no interior de Matamba, e consegue reter o avanço dos portugueses. Após a morte de Kiluanji sucede seu filho Ngola Mandi, meio-irmão de Nzinga. Os portugueses há algum tempo traficando com os

Jaga do litoral, guerreiros vindos do Leste, também conhecidos por *im-bangalas*, estão agora impedidos de fazê-lo, pois a rota para o interior é controlada pelo Ngola Mbandi. Este envia sua irmã Nzinga a Luanda para negociar com os portugueses.

Recebida em Luanda com grande pompa pelo governador geral, ela negocia sem ceder território algum e pede a devolução de territórios que obtém pela sua conversão política ao cristianismo, recebendo o nome de Dona Anna de Sousa. Mais tarde suas irmãs Cambi e Fungi também se convertem, passando a chamar-se respectivamente Dona Bárbara e Dona Garcia. Os portugueses, no desejo de estabelecerem comércio com os *Jaga* de Cassanje no interior, não respeitam o tratado de paz. A rebelião de alguns *sobas* (chefes), que se aliam ao *jaga* de Cassanje e aos portugueses, cria uma situação de desordem no reino de Ngola. Nzinga, ao encontrar um dos *sobas*, seu tio, que se dirigia a Luanda para se submeter aos portugueses, manda decapitá-lo, e dando conta da hesitação de seu irmão manda envenená-lo, abrindo assim caminho ao poder e ao comando da resistência à ocupação das terras de Ngola e Matamba.

Os portugueses elegem um chefe Mbundu, Aiidi Kiluanji (Kiluanji II), como novo *Ngola* das terras do Ndongo. Nzinga, não conseguindo a paz com os portugueses em troca de seu reconhecimento como rainha de Matamba, renega a fé católica e alia-se aos guerreiros *Jaga* do Oeste fazendo-se iniciar nos ritos da máquina de guerra que constituía o quilombo. Para uma melhor compreensão deste rito de iniciação deste grupo guerreiro, os *Jaga*, será melhor dar a palavra a uma testemunha ocular da época, que a descreve com minúcias:

“A cerimônia de receber os meninos no quilombo pratica-se ainda hoje com solenidade, e eu, que a presenciei muitas vezes, posso descrevê-la exatamente. Quando o chefe do quilombo, que é ordinariamente o comandante militar, quer conceder este privilégio, determina o dia da função. No intervalo de tempo precedente à data, os pais, que são sempre numerosos, suplicam insistentemente a concessão desta graça, persuadidos de que seus filhinhos, antes da admissão, são abominados pela autora da lei, e só depois de purificados serão benzidos por ela. O dia é de grande

festa, com o concurso de muitos homens armados e enfeitados o melhor possível. Aparecem na praça em boa ordem e com muito decoro os cofres em que se conservam os ossos de algumas pessoas principais e que são guardados nas suas casas por pessoas qualificadas. Depois aparecem os cofres com os ossos dos antigos chefes do quilombo e de seus parentes. Todos são colocados sobre montões de terra, na presença do povo, rodeados por guardas e por uma multidão de tocadores e de dançadores, que festejam e honram os ossos daqueles falecidos. Por fim chega o comandante com a sua favorita, chamada *tembanza*, ou 'senhora da casa', ambos festejados pela música e pela comitiva dos seus familiares. Ambos untam os seus corpos e as suas armas e se sentam, ela à esquerda e ele à direita dos ditos cofres. Então, todos os presentes, divididos em grupos, fingem uma batalha, acometendo-se furiosamente. Acabada a batalha e as danças, que são bastante demoradas, até todos perderem o fôlego, saem, de algumas moitas predispostas, as mães que nelas estavam escondidas, com os meninos, e, mostrando-se muito preocupadas, com mil gestos vão ao encontro dos maridos, indicando-lhes o lugar em que cada menino está escondido. Então eles correm para lá com os arcos flechados e, descobrindo a criatura, tocam levemente nela com a seta, para demonstrar que não a consideram como filho, mas como preso de guerra, e que, portanto, a lei não fica violada. Depois, usando uma perna de galinha (nunca pude descobrir a razão disso), untam a criança com aquele unguento no peito, nos lombos e no braço direito. Dessa maneira, os pequenos são julgados e purificados e podem ser introduzidos pelas mães no quilombo na noite seguinte" (CAVAZZI, a partir de publicação datada de 1687, 1965, p.182).

A versão que nos chega dos ritos antropofágicos dos *Jaga* parece prender-se a uma falsa tradução da palavra que significaria retirá-las das famílias (linhagens) e não "comê-las" (MILLER, 1976). Tal como a instituição das classes de idade, o quilombo é o que se denomina *cross-cutting institutions*, pois cortava transversalmente as estruturas de linhagem e estabelecia uma nova centralidade de poder, baseada, sobretudo na máquina de guerra necessária para fazer guerra aos prováveis inimigos (MILLER, 1976, p.27). Esse era um processo de recrutamento militar necessário a Nzinga para fazer face aos valores particularistas da estrutura de parentesco, ou pelo menos colocar uma inserção mínima (BALANDIER, 1969, p.78).

Em 1640, a rainha Nzinga e os seus guerreiros atacam o forte Massangano, onde as suas duas irmãs, Cambu e Fungi, estão aprisionadas, sendo esta última executada. Aproveitando a ocupação temporária de Luanda pelos holandeses, recupera alguns territórios de Ngola com a adesão de alguns *sobas* (chefes). Salvador Correia de Sá y Benevides, general brasileiro, restaura a soberania portuguesa em Luanda e tenta restabelecer o seu poder no interior. Numa incursão do exército de Nzinga são aprisionados dois capuchinhos, que a rainha aproveita para convencê-los da sua vontade de reconversão em troca do reconhecimento de sua soberania nos reinos de Ngola e Matamba e da libertação de sua irmã Cambu. O governador-general aceita libertar Cambu se Nzinga retificar um tratado limitando suas reivindicações a Matamba e renunciando aos territórios de Ngola, sendo o rio Lucala escolhido como fronteira. Este tratado, de 1656, só vai ser posto em prática depois da ameaça da rainha voltar à guerra.

Só então o governo de Luanda liberta a sua irmã Cambu, mesmo assim, depois do pagamento de um resgate de mais de uma centena de escravos. Cambu tinha ficado retida em Luanda por cerca de dez anos. Há uma paz relativa no reino de Matamba até à sua morte aos 82 anos em 17 de dezembro de 1663. Sucede a Nzinga sua irmã Cambu, continuadora da memória de sua irmã, a rainha quilombola de Matamba e Angola. A resistência de Nzinga à ocupação colonial e ao tráfico de escravos no seu reino por cerca de quarenta anos, usando de várias táticas e estratégias que vão desde a conversão ao cristianismo até as práticas *Jaga*, é fonte para a criação de um imaginário que se impôs como símbolo de luta contra a opressão.

Memória de Ginga, memória de Zumbi.